

Agradeço a Deus por ter me orientado na confecção deste primeiro trabalho e dedico estas singelas poesias à minha família e amigos.

Vozes poéticas é uma reunião de poesias que vão desde uma abordagem mística da existência, até reflexões sobre o cotidiano. Espero que esta obra possa levar muitas pessoas a pensarem sobre a vida e a conduzir a alma dos leitores a uma viagem de muita beleza e questionamentos poéticos.

CARPE DIEM

Todo dia eu acordo e esqueço
que um já se foi.
Depois me banho de rotina, desfaleço...

É estranho pensar assim, mas a estranheza me atrai,
pensar nos detalhes me seduz...

Ver o que poucos olhos tocam. Perceber as entrelinhas da existência.

Insistindo que o rio passa depressa, tendo medo de não me molhar.

O rio narrado é a vida. Sim, quando acordo, esqueço que o dia anterior
não canta mais, fluxo irredimível de percepção.

Esqueço em dobro o destino final que me ronda, feroz.

O destino de todo homem que se reconheça...

O recanto final.

A morte que preferimos esquecer,

não se esquece de ninguém.

A cada dia se encontra mais perto,

sedenta pelo pó dos nossos dias,

pelo fim da hemoglobina.

Ansiosa em tragar cada fôlego meu.

Facínora e necessária...

Olho pela janela do meu quarto e sinto o sol,

Esqueço de tudo que pensei e corro com as crianças.

Permito que mais um dia me abraçe incansavelmente...

Enquanto tudo parece eterno.

Recanto de guerra e paz

Quando o amor te der um sinal, segue-o.
Mas não o sigas como quem espera flores pela manhã,
siga-o como quem espera uma guerra.

Como quem abraça o esplendor da aurora e depois enfrenta a noite.

Como quem segura uma rosa pelos espinhos,

sentindo uma fragrância que mescla prazer e dor.

Se o amor te der um sinal, não olhes para ele antes de olhar para dentro

de você, porque o amor é uma fonte externa que depende da sua fonte

interior para subsistir...

Deixe todas as inquietações secarem ao Sol, abra as portas

aladas do seu coração, para que o império do amor reine em ti.

Prepare-se para o recanto de guerra e paz, resigne-se a ponto de querer voar
e sangrar ao mesmo tempo...

Com um sorriso nos lábios na partida e chegada.

Abraça o sinal fulgurante do amor como quem se prepara para o vôo,
sem pensar na possibilidade da queda, preparado para cair.

O amor é uma planta que necessita de doação e cuidado.

Por isso, quando ele emitir o seu sinal, prepara-te para o gozo e a tristeza,

lembrando que a sua dor não mata, renova,

resgata a essência de todos os sentidos e ensina a coroa e a cruz...

lapidando os que a possuem até o fim:

a fonte eterna do conhecimento.

CLAUSTROFOBIA

Estou aqui mais uma vez em frente ao computador.

Os olhos estão rijos, o coração pulsante, a garganta seca.

Na TV ouço vozes e imagens dissonantes com o que quero,

com o que tento pregar na tela em branco...

A poesia parece fria, discreta, estranha.

Inspiração é algo que não se toca,

não se compra ou adquire através de regras...

Inspirar-se é tentar colher pássaros invisíveis,

tentar caçar sopros divinos, armado de sensibilidade.

Estou aqui sentado e espero um desses estalos do etéreo,

confiante na conquista, na capacidade de filtrar

o cotidiano, concomitantemente superando-o.

Absorvendo seus sentimentos, procurando o libertar

da sua face tediosa, amando as entrelinhas que o revestem...

Preciso beber as águas do tempo, realimentar sempre a

sede por desamarras...

Desamarrar as convenções sociais que matam a alma por desidratação.

Matam a comunicação entre a inspiração e o artista, entre o mundo das

inspirações e o das decepções...

O cansaço começa a falar. Ainda não vejo os pássaros, ainda olho para

o computador. Espero contato com o sensível...

Folheio alguns livros como se deles pudesse arrancar inspiração...

Percebo que tal anseio prova a minha mediocridade.

Os olhos começam a coçar. O coração desfalece. O computador parece embranquecer mais...

A TV me diz mais asneiras, a sensibilidade distancia-se...

Meu espírito artístico parece estar de férias, mesmo assim não cesso de registrar o que cerca os meus sentidos...

Externos, internos, subjacentes...

Após desabafar-me com o computador não tenho a tela em branco que me torturava.

Tenho uma mistura de cores confusas, obscuras...

Ainda assim são cores da vida...

São palavras aprisionadas na tela que começam a ser arte.

FLUXOS

Vejo meu retrato na parede.
Olho para o espelho.
Comparo as duas faces:

a que sou e a que era.

Antes menino, agora homem.

Noto a aparência dos meus parentes.

Comparo o que eram nas fotos, com o que agora são.

Fotos da rua em que nasci.

Antes rude agora nobre...

Noto as crianças que cresceram, outras que envelheceram...

Percebo que também envelheci.

O ar das esquinas que nasci me atordoa...

Mostra o quanto as coisas mudam.

A minha avó querida que já não murmura ou grita... Mal consegue andar.

Hoje já não sou mais aquela criança despreocupada, travessa.

Não sou mais aquele adolescente colhedor de sonhos,

rico de aventuras e desventuras mirabolantes.

Louco por enlouquecer, criador de instantes infinitos, arquiteto das mudanças

mundiais... Hoje enxergo por óculos mais antigos, mais prudentes.

Hoje não sou apenas filho, sou filho e pai. Não sou mais sustentado, sustento.

Não vejo as casas da mesma forma, as ruas, pessoas, lugares, aquisições,

sonhos, desejos, dores, morte. A vida tem falado com outras vozes...

Hoje percebo que nada permanece, tudo passa...

Menos a mudança.

GUERRA FRIA

O que é o perdão?
Antes de perguntar sobre o perdão,
pergunte sobre o ódio. Pois ambos são

antíteses em combate.

O que é o ódio senão o esquecimento?

E o perdão senão a lembrança?

Quem odeia esquece o que é,

alimenta cegueiras noturnas,

esquece da sua própria pequenez,

do brilho da aurora.

O ódio é o esquecimento da alma,

seu assassinato.

Quando o ódio mostrar seus encantos,

entoando marchas fúnebres,

lembra-te de quem és.

Pondera sobre as facilidades oferecidas...

O ódio não oferece montanhas em seu percurso,

oferece armas.

A facilidade de armar-se não significa recompensa.

Facilidade geralmente esconde morte e medo

em suas entranhas.

Pois a facilidade do ódio esconde o medo de si mesmo.

O medo de abrir os portões da alma, de dividi-la com outras...

Odiar é a covardia que nos afasta do que realmente somos,
do nosso reflexo.

O perdão é a lembrança do conhecer-se, do aprender.

É o escalar montanhas íngremes e seguras, secas, rígidas.

É dificuldade que ao fim oferece pastos verdejantes, raras florestas.

Quando perdoamos lembramos que somos filhos da alma universal.

Criamos um universo próprio de harmonia e bem aventurança: unindo,
somando...

As montanhas do perdão cansam e aliviam.

As armas do ódio “aliviam” e cansam.

Quando as perturbações do ódio quiserem invadi-lo,

Lembra-te que elas precisam da permissão de sua fonte interior para
sentar, morar, procriar.

O perdão e o ódio são antíteses em combate eterno.

O que é o ódio senão uma resistência ao perdão?

O que é o perdão senão uma recusa ao ódio?

Quando o ódio vence, cria-se um prisioneiro que caminha livremente. Quando vence o
perdão, cria-se um encarcerado totalmente livre.

O MEU DESTINO

O meu destino é o quê?
Sempre me pergunto.
No obscuro do meu ser...

Nem sempre me respondo.

O meu destino é questionado.
Vejo o mistério me rondar:
Perguntas, incertezas.
A parte de mim que não gosto...

O meu destino é o que importa,
todo o resto, sobra.
Espalha ventos imprecisos,
a névoa continua.

O meu destino sorri
quando eu quero chorar,
ele fala comigo
ser enfraquecido,
um eu torpe.

O meu destino vive,
ele tem nome.
Inexorável, preciso.
O meu destino existe além do existir...
Ele se chama:
Eternidade.

ALÉM-MAR

Se quiserem destruir os teus sonhos,
dizendo que não serás capaz,
castrando o sol que há em ti,
não cesses de querer.
Se disserem que é tarde demais,
quiserem manchar o teu céu,
esmagando o vigor florido das tuas manhãs,
não deixe de acreditar.
Se te disserem que é o fim,
a tua fé do fim faz vários recomeços...
Quando se tem certeza,

o infinito sempre responde.
Ele sempre se lembra,
mesmo quando esquecemos...
Ele está aqui ao lado.
Em sua casa sempre aberta,
existe água fresca.
Um jardim regado,
vida aos intervalos.
Fazendo dos contra, fases.
Do impossível praxe.
Basta apenas que se resgate
a porta aberta do sempre.
Acreditando.
Infinitamente...